

## **A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NO SEMIÁRIDO EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva

dyghusoueu@bol.com.br

**Resumo do artigo:** O objetivo deste artigo é instigar reflexões a respeito dos processos de exibição das personagens masculinas existentes em *O Quinze* (1930), da cearense Rachel de Queiroz. E ainda nesse sentido, almeja-se desmistificar as particularidades pertinentes destes sujeitos, em especial Vicente. Observa-se que as figuras ali presentes, independente de seu gênero, tendem a solidificar as estruturas patriarcais que estão em voga até hoje nos valores sócio-culturais brasileiros. Propõe-se aqui, não fazer uma análise literária do romance em questão, todavia, fazer perceber o quão a figura do homem possui particularidades beneficiadas. Este estudo se estrutura no semiárido do Ceará dos anos 15 do século XX – exposto nesta obra publicada nos anos 30. Colocam-se em pauta nesta pesquisa de cunho literário, as características culturais e estéticas daquele contexto retratadas por Queiroz. Espera-se usar o momento histórico do livro supramencionado, alicerçando-o com o posicionamento do homem na sociedade hodierna, fomentando um pragmatismo reflexivo diante à posição deste e seus privilégios em diversos contextos sociais, perpassando pelo tempo até chegar aos anos 00, que fazem parte daquilo que se chama de pós-modernidade.

**Palavras chave:** Homem, Masculinidade, Cultura, Semiárido, Sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

A obra *O quinze* foi publicada primeiramente em 1930, no entanto a obra utilizada nesse estudo foi publicada em 2007 pela Editora Olympio e possui 157 laudas. Rachel de Queiroz em seu romance escreve em 3ª pessoa e a trama dessa narrativa compreende a seca do sertão nordestino dos anos 15 do século XX.

Este romance coloca em pauta a seca, a fome, a miséria, as enfermidades, a luta do homem pela sobrevivência ao tentar salvar seu gado, sua terra. Muito do que foi ali escrito, faz parte da memória de Rachel, da sua infância e a trama literária em questão, apesar de abordar temas comoventes, faz isso de forma ora emotiva, ora poética.

A presente análise literária foi solidificada a partir de estudos bibliográficos e visa um olhar crítico-reflexivo não apenas na seca de 1915 no Ceará, pela região de Quixadá, mas nas particularidades que envolvem as personagens masculinas da narrativa de Queiroz, esta que é de cunho regionalista e vem à tona após a semana de 22 – compondo aquele momento literário moderno, concretizando um contexto brasileiro anterior a esse movimento artístico.

Constata-se que, o campo lexical usado pela autora é simples, coloquial, regionalista e acessível ao leitor – o que pode ter contribuído para que o livro supracitado continue atual nos dias de hoje. Ressalta-se que *O quinze* é a primeira obra publicada por Queiroz e num meio histórico onde não era tão comum mulheres se dedicarem às narrativas.

A seca neste livro é como se fosse uma personagem do mesmo e está intimamente ligada tanto aos cenários ali descritos, quanto aos personagens ali arquitetados que tentam de várias formas lidar com ela. A falta de água é palco para mortes, doenças, desemprego, desgaste animal e vegetal daquele meio.

Rachel, primeira mulher a conquistar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, nos expõe neste trabalho particularidades do sertanejo daquela época: a estrutura familiar, a crença, o cotidiano daqueles que comungavam da seca, assim como as estruturas políticas vigorantes naquele quadro. A narradora onisciente da história se chama Conceição e teve que abandonar seu ambiente de origem por causa dos maus tratos e mazelas provindos da seca.

Sabe-se que a literatura tem como característica principal concretizar um determinado contexto histórico, por essa acepção, percebe-se que *O quinze* solidificou a seca dos anos 15 e por ele é possível que estudantes e intelectuais consigam reconhecer naquelas linhas fatos históricos que compreendem o semiárido do Brasil daquela época – que muitas vezes é retomado, com outros traços hodiernamente, percebe-se então que,

Os acontecimentos históricos ocorridos nas civilizações sempre serviram de inspiração/tema para uma grande gama de produções artísticas. Dentre as manifestações da arte, a literatura é, também, para além de um espelho mnemônico da sociedade, considerando seu caráter polissêmico, a representação das realidades do homem, logo, da história desse sujeito. (SANTANA, 2013, p. 12).

Por esse viés, apreende-se que não só o ambiente retratado por Queiroz foi inspiração para a sua produção narrativa, mas as pessoas presentes em seu meio: as personagens são analisadas psicologicamente pela a narradora, da mesma maneira que seus valores culturais – como podemos

perceber no seguinte fragmento: “Enfim caiu a chuva de dezembro. Dona Inácia, agarrada ao rosário, de mãos postas, suplicava a todos os santos que aquilo fosse um “bom começo”. (QUEIROZ, 2007, p. 139).

O enredo se embasa numa dicotomia: a história de amor não concebida pela professora Conceição e pelo vaqueiro Vicente, juntamente da triste história de vida de Chico Bento e Cordulina que são obrigados a deixar o nordeste por causa da seca.

Apesar dos aspectos culturais pertinentes à narrativa literária aqui analisada, inferi-se que Conceição, personagem principal deste enredo, possui ideias anacrônicas à realidade de seu tempo, porque mesmo estando atrelada ao conhecimento empírico sertanejo, consegue pontuar seu posicionamento perante o mundo moderno: possuidora de visão política diferente daqueles de seu contexto social; tem um filho adotivo, mesmo tendo escolhido ficar solteira – Duquinha, filho de Chico Bento com Cordulina, que tiveram que migrar para São Paulo, pois devido à falta d’água, o casal perde dois de seus cinco filhos: um falece e outro desaparece e quase perdem Duquinha por causa de enfermidades, no entanto, o marido deixa-se sobressair o orgulho e resolve, juntamente de sua esposa, entregar a criança à madrinha, a protagonista Conceição que representa a novas particularidades da mulher do seu contexto, os indícios da mulher moderna.

Em contrapartida às “peculiaridades modernas” de Conceição, todos os outros elementos que estruturam o enredo literário são possuidores de características conservadoras, pertinentes aquele contexto patriarcal dos anos 15: a) Dona Inácia, a avó da narradora, é extremamente religiosa, ligada aos dogmas católicos e vai contra as ideias de sua neta; b) Vicente, o nordestino provedor que busca lidar com os fenômenos naturais provindos da seca; c) Paulo, irmão de Vicente, que ao contrário deste, virou doutor, casou-se e vive em função da família que constituiu; d) Chico Bento, um homem que também trabalha de vaqueiro como Vicente, porém, cuida do rebanho de Dona Maroca, ao contrário do primeiro citado que trata do seu gado, e tem cinco filhos com Cordulina; e) Cordulina é uma mulher extremamente submissa, dependente do marido e analfabeta – estas são apenas algumas personagens resultantes do patriarcado dos anos 15, que veremos adiante que ainda tem marcas em voga nos anos 00.

Na seguinte asserção, percebe-se que há uma diferença no modo de ver o mundo de Conceição, das demais personagens:

Conceição é a personagem chave do romance, um elo entre as identidades tradicionais do Sertão – a religiosidade da avó e as leituras dos fenômenos da natureza pela sabedoria popular – e os conhecimentos científicos do mundo moderno. É com o auxílio das inferências feitas a partir de suas leituras que a personagem Conceição tece uma visão

crítica, bem peculiar, do seu contexto social: a modernidade. Encenando, assim, uma jovem que difere das demais moças de sua terra. (SANTANA, 2013, p. 49).

A protagonista, apesar de ser resultado da sociedade patriarcal sertaneja, se desprende daqueles valores por ter tido contato com muitos livros de seu avô, ao contrário das outras personagens: submissas aos seus consortes ou as inferências culturais de seu meio, enquanto os homens orgulhosos, machistas, provedores representam nacionalmente o sertanejo cansado que vive para manusear os fenômenos da natureza provindos da seca.

O romance de cunho moderno é sem exageros e sem trivialidade literária: Vicente e Conceição não terminam juntos no final da obra e a família de Chico Bento é dissipada numa saga a caminho de São Paulo para fugir da seca, no entanto, voltam para o Ceará devido à falta de subsídio financeiro suficiente para o sustento de sua família; Chico ainda volta doente.

Percebendo as diferenças existentes entre os sujeitos masculinos e femininos que estruturam *O quinze*, este estudo tende a fazer uma breve, todavia de grande valia, análise da imagem do homem presente na sociedade da publicação supracitada, pretende-se também expor a construção masculina como objeto de dominação e de maneira sincrônica visa-se perceber as marcas da estruturação masculina no tempo contemporâneo.

## **A CONSTRUÇÃO MASCULINA PARALELAMENTE À PERSONAGEM VICENTE**

É preciso, primeiramente, compreender as configurações que estruturam a construção da figura masculina:

A identidade masculina define e justifica o papel social do homem na sociedade. A construção da masculinidade inicia-se já durante a gestação, quando os pais começam a imaginar como será a criança baseada em seu sexo. Após o nascimento, o indivíduo do sexo masculino percorre um longo caminho até tornar-se “homem”. (NADER, CAMINOTTI, 2014, p.03).

Por esse posicionamento a respeito da identidade masculina, consegue-se perceber que o sujeito, aquele que nasce com seu sexo biológico masculino, não nasce homem, contudo, se torna durante sua evolução e vem a se identificar social e politicamente com o gênero masculino, de fato.

Vicente é a voz masculina privilegiada em *O quinze*, ao contrário de outros vaqueiros que tratam do gado alheio como empregados, ele tenta gastar suas economias para fazer com que seus animais

sobrevivam à seca – a personagem em questão apresenta particularidades pertinentes ao homem do sertão de 15 e que se perdura nacionalmente à figura masculina brasileira:

Todo dia a cavalo, trabalhando alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato e do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um cabloco desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele. (QUEIROZ, 2007, p.21).

Constata-se que esse caráter masculino e bucólico se dá, pois ele é uma produção da sociedade patriarcal a qual pertencente, onde homens eram fortemente influenciados por seus pais, responsáveis pelo subsídio das famílias – visto que a referida obra se dá após o advento do século XX, no entanto, possuidora ainda de marcas do período colonial, mesmo que essa imagem máscula venha sendo ora descentralizada por Rachel de Queiroz na obra em questão.

A personagem Vicente enquanto parte desse contexto de modernidade na obra *O quinze*, percorre situações que atingem todo corpo social daquele meio e isso o faz perder sua identidade como ser masculino. Assim, as particularidades históricas nesse livro têm como objetivo representar a chegada da modernidade, todas as aflições sociais que esta traz em si e que futuramente irá desequilibrar a imagem masculina.

E Vicente representa a nova face do homem moderno, apesar das fortes nuances patriarcais e regionais presentes neste, o mesmo é empático para com os menos favorecidos e ora sensível no que se diz respeito à Conceição, todavia, nota-se que ele utiliza dos benefícios a ele designados pela sociedade patriarcal da época:

É verdade que Vicente nunca ocorrerá em casar; desfrutava apenas, com uma atenção um pouco negligente, o encanto que lhe vinha da moça, sem querer em cuidar em mais nada, com uma grande preguiça de pensar no depois...

Enquanto que a pobre Mariinha já alinhava risonhamente as primeiras peças da futura felicidade, e todas as noites sonhava com uma casa muito grande e muito branca, com uns braços fortes de lutador e apaixonado, com um largo peito de homem onde pousaria a cabeça. (Queiroz, 2007, p.41).

Percebe-se neste fragmento que mesmo desinteressado em Mariinha, a persona masculina aqui analisada se permite “desfrutar” daquilo que ela almeja. Vicente apenas exemplifica aquilo que

Pierre Bourdieu nos expõe como dominação masculina – [...] que o homem ocupe, pelo menos aparentemente e com relação ao exterior, a posição dominante no casal, (BOURDIEU, 2011, p.48) Infere-se que essa dominação se dá, inclusive, de forma subjetiva, porque Vicente além de não pretender levar a relação com Mariinha à frente, não projeta um futuro dela consigo. E, ainda ratificando Bourdieu, vê-se que a esta personagem feminina aplica à sua realidade a relação de poder que a figura masculina impõe de forma transcendente sem perceber a violência simbólica que ela passa (BORDIEU, 2011, p. 45)

A construção da masculinidade é acoplada ao consciente dos indivíduos que compõe as sociedades e este domínio do homem é ratificado constantemente pelos padrões estabelecidos por uma dada sociedade. Porém, é preciso ressaltar que essa imagem masculina vem se concretizando desde o período colonial, concretizando a soberania que rege os moldes patriarcais:

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere as homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes de percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (BORDIEU, 2011, p. 45)

Mas, pode se perceber ao ler *O quinze*, fazendo um paralelo com aquele contexto histórico, que com o advento da República e os ideais de valores democráticos, a figura feminina ascende, acontece a chegada da urbanização e as pessoas migram em busca de qualidade de vida, ocorrem mudanças nos hábitos aristocráticos e há queda nos princípios de masculinidades que regem a masculinidade. Dessa maneira:

O processo de industrialização, a partir da Revolução Industrial, proporciona o crescimento do capitalismo que, por sua vez, alteraria as relações socioculturais. Nesse novo modelo econômico, o homem perde a posição de supremacia enquanto lugar simbólico/imaginário, o modelo do soldado/trabalhador, pregado no ideal moderno, foi substituído pela primazia do consumidor, no mais as palavras que irão vicejar na sociedade pós-moderna são cultura e consumo que representam o triunfo do capitalismo. (JESUS, 2009, p.06)

Nessa perspectiva, começa a advir uma nova proposta expressiva que faz decair os valores do homem de caráter colonial da modernidade, é notório que as ocorrências históricas e eventualidades

climáticas contribuíram para tal feito – e esse declínio da masculinidade se perdura até os tempos pós-modernos, no entanto, ainda retraído.

Ao ler esta narrativa, vemos em Vicente um sujeito empático com seu próximo e preocupado, sensível ao que se diz respeito à Conceição, um homem que luta pela sobrevivência de seu gado. Este personagem é reflexo da queda da masculinidade: o estereótipo de “cabra-macho” sertanejo continua ali, porém, de forma mais flexível.

## A MASCULINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Sabe-se que *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, é um romance que quebrou os modelos de narrativas brasileiras que estavam em voga até os anos 30: uma obra de cunho social que não traz em si um enredo romântico, não há figura feminina inalcançável, o casal protagonista não desemboca num “final feliz”, não existem nesta obra atos heróicos e os sujeitos masculinos ali presentes são empáticos, falhos, flexíveis – a masculinidade da pós-modernidade quase que é prognosticada pelo nas laudas do registro literário aqui analisado.

O livro referido possui marcas patriarcais, no entanto, destaca indivíduos masculinos mais tolerantes, mesmo que estes sendo resultado dos processos de dominação masculina: “Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu!” (QUEIROZ, 1930, p. 12), nesse pequeno trecho consegue-se perceber que mesmo com o advento da modernidade e das mazelas sociais que suavizaram os indivíduos, o homem “continua sendo homem”: orgulhoso, provedor, aquele que zela – ressalta-se aqui novamente que nesta comunicação, coloca-se em análise a personagem Vicente de *O quinze*, paralelamente à figura masculina na contemporaneidade para entendermos os processos que compreendem a construção masculina pelo tempo.

De modo geral, pode se perceber que as culturas criam padrões de diferenças entre sexo (NADER, 2002), fomentando essa dicotomia constante entre feminino e masculino ainda na sociedade contemporânea, tornando-a, inclusive, intangível às pessoas.

Entende-se que os comportamentos de indivíduos femininos e masculinos são concebidos pela sociedade, quando pequenos o homem e a mulher vão agregando padrões culturais provindos de regras sociais (NADER, 2002, p.471). É sabido que os valores que compreendem a superioridade masculina estão presentes desde a Antiguidade, após o século XIX a figura masculina entra em decadência e podemos enxergar isso em Vicente, de *O quinze*. Assim, na pós-modernidade foi possível abrir o debate sobre o que é ser homem e as várias maneiras de o sê-lo:

[...] é observado que sendo a masculinidade uma determinação social a crise é estabelecida com a quebra de papéis sociais já que a pós-modernidade oferece aos homens inúmeras formas de serem homens. Explicar a masculinidade na pós-modernidade significa ressaltar os privilégios que os homens tiveram, até início dos estudos críticos de gênero, de ser o “sexo forte”, e detentor de poder e hegemonia nas relações sociais. Bourdieu apud Badinter (1993) evidencia que “ser homem é estar instalado, de saída, numa posição que implica poderes” (Bourdieu apud Badinter, 1993: 6). O masculino então é construído a partir das relações culturalmente estabelecidas pela sociedade, o modelo ideal de masculinidade perpassa a configuração genética dos sexos se estabelecendo como um padrão ideologicamente social. Ainda segundo Badinter, “Ser homem ou mulher antes de tudo uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural, e não um ser biologicamente oposto ao outro” (Badinter, 1993: 8). Entretanto, não pode ser negligenciado que a diferença entre os sexos também contribui para se estabelecer a condição de “macho masculinizado”. (JESUS, 2009, p.03)

Nessa perspectiva, consegue-se ratificar o que fora dito antes nesta comunicação: desde a Antiguidade o homem é símbolo de autoridade por causa do falo, porém, no século XX, com a chegada dos tempos modernos e seus contratempos, o homem começa a expor suas subjetividades, mesmo que de forma implícita, por trás do patriarcado. Na pós-modernidade isso não acontece tanto e o papel cultural do homem pode ser outorgado de várias formas, mas esses fatores não impedem que sejam transparecidos lapsos de masculinidade advindos de privilégios promovidos antes, desde os tempos antigos, dos povos pré-cristãos. E não se pode ignorar que diferenças entre masculino e feminino na sociedade atual são imensuráveis. Compreender a construção da masculinidade visa entender a binariedade ainda vigente envolta às posições sociais do homem e da mulher em espaços sociais.

Sabe-se que a partir do momento em que a figura feminina perde sua passividade e alcança espaços na sociedade, a masculinidade do homem é desequilibrada. Com todos esses argumentos, pode-se concluir que a mesma é possuidora de uma construção histórica, ideológica e de identidade que fundamenta valores, antecipa comportamentos e certos tipos estéticos (JESUS, 2009, p.03).

Dessa forma, o rompimento dos modelos patriarcais em *O quinze* tem como uma das bases a minimização da identidade do homem, porque com a seca e suas consequências, todos na obra exteriorizam subjetivamente aquilo que vivem por causa dela – logo, percebe-se que a figura masculina perde sua supremacia social a partir daquele contexto: as personagens masculinas ali descritas, não só Vicente, vivem em seu interior um desarranjo, o qual transparece rupturas em sua identidade. A mulher moderna é autossuficiente, culta, possui particularidades comunistas e isso vem minimizar a posição viril do homem da modernidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de vista da identidade masculina na narrativa *O quinze* possui como primordial contribuição a descentralização patriarcal da imagem masculina ríspida pautada até o século XIX, assim como a ascensão da mulher na sociedade. Percebe-se na publicação literária aqui analisada, que a masculinidade da personagem Vicente é tolerante, mesmo ainda trazendo em si o seu caráter de macho provedor e orgulhoso: homem que busca amenizar as calamidades provindas da seca em sua terra.

Este livro é possuidor de singularidades históricas que representam o advento da época moderna juntamente de suas mazelas sociais e, além disso, Rachel traz em sua obra um vocabulário formal, simples pertinente ao semiárido nordestino.

Esta comunicação busca não analisar o texto literário apenas, mas as configurações sociais daquele momento que mudaram o jeito de pensar do homem, assim como sua postura diante da sociedade. Sabe-se que as personagens ali presentes são frutos do patriarcado, por isso os indivíduos personificados ali são materializações daquilo que Bourdier denominou como Dominação Masculina – que de uma perspectiva simbólica compreende a autoridade vinda do homem que institui sentidos, que são legitimadas pela massa, a maneira que dissimulam as relações de força entre os sujeitos.

Em análise de *O quinze* entende-se que, houve uma (des) construção da masculinidade com o surgimento do século XX e esse desequilíbrio se perdura até os dias hodiernos: na contemporaneidade há muitas formas do homem ser homem; a mulher não é mais representante de passividade social, tem conquistado diversos espaços e os conceitos de feminino e masculino tem ido além do sexo biológico. Não obstante a isso, nota-se que as marcas patriarcais ainda são vigentes na sociedade do século XXI, mas sua densidade não tem ocorrido com tanta rigidez.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: 10ª Ed. Bertrand Brasil, 2011.

JESUS, Milena dos Santos de. *Os desafios da masculinidade: uma análise discursiva do gênero masculino a partir da obra As velhas, de Adonias Filho*. Revista Anagrama: Revista Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, 2010.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. *Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica*. 2014.

NADER, Maria Beatriz. *A condição masculina na sociedade*. Dimensões: Revista de História da UFES, Vitória, n.14, p. 461-480, 2002.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: 84ª Ed. José Olympio, 2007.

SANTANA, Joyce Maria dos Reis. *Narrativas do sertão e os recursos mnemônicos em O quinze, de Rachel de Queiroz*. 2013. 85f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. 2013.

